

COLONIAS PORTUGUEZAS

I

Archipelago de Cabo Verde

Estudo elementar

DE

Geographia phisica, economica e politica

FOR

Ernesto J. de C. e Vasconcellos

CAPITÃO DE MAR E GUERRA,
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CARTOGRAPHIA
E SECRETARIO PERPETUO DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Ernesto J. de C. e Vasconcellos



1916

CENTRO TYPOGRAPHICO COLONIAL
LARGO DA ABEGOARIA, 27 E 28—TELEFONE 2337
LISBOA

RE

Contribui
Impostos
Proprio, y
mente
Rendime
cial . . .

Administ

»

»

»

»

Encargos
Diversas
Exercicio
Despezas
To

* Su

Se
e visse
celares,
cerca d
27% o
te avul
se inclu
ainda e
a rasão
adminis

GEOGRAPHIA POLITICA

Como as ilhas de Cabo Verde eram deshabitadas ao tempo da sua descoberta, foi necessario promover a sua colonisação, que se fez com casas das tribus *balantas*, *papéis*, *bijagos*, alguns *selupes e jalofos*. Os nossos conterraneos e os colonos lidos da Guiné, onde já traficavamos, foram os progenitores dos actuaes caboverdeanos, em que se intercalaram alguns individuos da familia judaica, de que ainda existem representantes em todo o archipelago.

Na parte historica nos referimos á colonisação de Cabo Verde de uma forma generica e sufficientemente lucida, para nos abstermos agora de o fazermos, tanto mais que para Cabo Verde nunca houve uma corrente de emigração portugueza, e a não ser a remessa de alguns colonos e de funcionarios europeus, a dos militares, a de raros comerciantes e a dos condenados, durante muitos anos a mais importante de todas e hoje felizmente abolida, nunca se promoveu o desenvolvimento da população que se fez, como vimos, pelo elemento africano. A mistura d'esses elementos foi o traço de união das duas raças. Os brancos cruzaram-se com os africanos e de selecção em selecção se foi favorecendo o cruzamento dos menos escuros com os mais claros, até que pela successão das gerações se approximaram do typo branco. Os caboverdeanos têm, em geral, traços physionomicos regulares, nariz direito e saliente, cabellos ligeiramente crespos e o angulo facial muito aberto. Os homens são altos, as

mulheres são elegantes, bonitas e de uma significativa morbidez no olhar. De ilha para ilha observa-se grande diferença na população, proveniente, sem duvida, da desigual mistura dos sangues, da diversidade do clima e da altitude, da influencia da civilização europeia e da occupação principal dos seus habitantes.

Com estes elementos ethnicos se formou a população das ilhas de Cabo Verde, que não podemos dizer que se tenha desenvolvido, pois em 1900 contavam-se no archipelago 147.424 habitantes e em 1912 o recenseamento accusa 143.929 habitantes, dos quaes 66.045 são varões e 77.884 são fêmeas.

Segundo as raças, podemos contar 4.799 brancos, 51.509 pretos e 87.621 mixtos, que representam a influencia do elemento colonizador europeu sobre o africano, constituindo a grande maioria da população caboverdeana, com as características acima apontadas.

Mas em Cabo Verde notam-se grandes flutuações na população, devidas ás secças que, trazendo a fome, trazem a morte que disima a população em numero avultado de individuos, sobretudo nas ilhas de menores recursos agricolas e de maior pobreza; embora a essas flutuações se dê qualquer correctivo para imperfeição do recenseamento, ou, por outro lado, para o movimento de entradas ou sahidas de emigrantes caboverdeanos.

Não deve portanto admirar que em 1913 se tenha encontrado a população de facto, na occasião do recenseamento, na totalidade de 147.754 habitantes de que 67.706 são varões e 80.048 são fêmeas; mostrando em relação ao ano anterior um acrescimo de 3825 individuos, sendo 1661 do sexo masculino e 2.164 do feminino.

Para mostrar a flutuação da população caboverdeana apresentamos o seguinte mapa comparativo, desde o ano de 1900, em que os recenseamentos offerecem mais garantias.

ILHAS	1900	1905	1910	1912	1913
S. Thiago.....	64.943	52.561	56.082	56.855	59.222
Fogo.....	17.820	20.207	17.882	17.744	17.800
Brava.....	9.233	9.215	8.976	9.041	9.207
Maio.....	1.916	1.541	1.895	1.836	1.867
Santo Antão.....	29.888	30.853	33.838	33.700	33.724
S. Vicente.....	8.780	8.430	10.086	9.929	10.491
S. Nicolau.....	11.358	9.135	10.462	11.477	12.041
Sal.....	483	570	640	620	579
Boa Vista.....	2.613	2.500	2.691	2.727	2.828
Total.....	147.424	135.190	142.552	143.929	147.754

OBSERVAÇÕES.

Em 1903-904 houve uma crise de fome d'onde resultou a diminuição de população que se nota em 1905.

A população acha-se distribuída por 2 cidades, 5 vilas e 465 aldeas, com o numero total de 33.144 fogos.

A ilha mais populosa é a de S. Thiago com 59.222 habitantes; e a de menor população é a do Sal com 579 habitantes; mas a de maior densidade de população é a Brava com 164,411 habitantes por km.²; numeros referidos a 1913.

A emigração dos homens validos do archipelago traz como resultado existiem 117,9% de fêmeas, percentagem que na ilha Brava é de 129,9.

Uma prova evidente de que ao atraso da população se deve a rotina e grande falta de iniciativa para aperfeiçoamento dos processos agricolas, consiste no grande numero de analfabetos, que se eleva a 118,645. Os que sabem ler e escrever são apenas 23.465 e os que mal sabem ler são unicamente 1819 individuos. Ha portanto em Cabo Verde 82,4% de analfabetos, que são a desgraça do archipelago, superior á das estiagens. E' por isso que dissemos ser necessario augmentar o numero de escolas e tornar a sua frequencia obrigatória.

Na ilha de S. Nicolau, onde se notam algumas iniciativas, existem 8.083 individuos que sabem ler e es-

crever, para uma população de 11.477 habitantes. Sem dúvida este resultado é devido á influencia do seminario que ali tem funcionado, derramando a instrução.

Não são curtas as vidas em Cabo Verde, pois se registam bastantes individuos de mais de 80 anos, sobretudo na ilha de S. Nicolau e no concelho de Santa Catarina da ilha de S. Thiago.

Nos 51.509 individuos de raça negra que habitam o archipelago, figuram os representantes das tribus da Guiné, cujos caracteres foram mais ou menos modificando-se pela acção do clima maritimo e de altitude ou montanhoso. No grupo mixto devemos distinguir os mais escuros, que são o produto remoto do cruzamento das tribus guineenses com os familiares dos antigos donatarios e directos descendentes, e os mais claros representando o cruzamento dos anteriores com o ramo europeu.

Aos cruzamentos com o ramo europeu, á influencia dos nossos colonos, ao funcionalismo e em grande parte a acção religiosa que tanto imperou no archipelago, deve o caboverdeano o acatamento ao catholicismo, mais ou menos nominal, mas por vezes exagerado até ás praticas da superstição e do fanatismo. Acredita em feiticeiros e em almas do outro mundo, ou espiritos maus. A isso atribue as doencas e outros acontecimentos, cuja explicação racional põe em duvida.

Os habitantes de Cabo Verde dedicam-se na sua maioria á agricultura, de que tiram recursos para a sua alimentação e para negocio ou para fabrico de artigos de uso commum: sabão, panos de algodão, tinta de anil, curtimento de peles e barcos.

A base da alimentação do povo caboverdeano é o milho que, em anos de chuvas abundantes, chega a dar 400 sementes em algumas ilhas.

O milho, como alimento, é acompanhado por uma substancia gorda e preparado de varias maneiras:

Pilado ao de leve para lhe tirar a camada cortical e depois cosido com toucinho e carne de porco ou de vacca, feijão branco e couve migada, constitue a *cachupa*, alimento vulgar mas que muitas vezes deixa de conter a carne.

O milho descascado, tirado o farelo e triturado, co-

sido, dá um prato superior ao arroz. Toma o nome de *xarem*.

A farinha de milho, cosinhada em vapor d'agua a ferver é o *cuscú* e quando amassada com agua, melão e depois frita, forma um prato agradável a que chamam *batanga*.

O grão de milho torrado, é o *parentem*; se depois é moído, feito em papas com café, ou leite fresco ou azedo, constitue a *camoca*.

A farinha de milho amassada com banana madura e formando uma especie de pão, que se assa sobre as cinzas, dá um bolo a que se chama *fongo*.

Alem do milho, contam-se entre as plantas alimentares: o feijão, a mandioca, batatas, bananas, papaya, cana n'assucar, laranja e a abobora. São estes os seus principais alimentos a que devemos acrescentar o leite azedo, que comem com o feijão ou abobora cosida, peixe, carne de porco e poucas vezes a de vacca.

A mandioca é muito empregada em Santo Antão, como alimento popular. Comem-a assada nas brasas ou cosida e tambem em *farinha de pau* á moda do Brazil. A bananeira é egualmente muito apreciada pelo poder nutritivo do seu fructo, que é outro recurso alimentar do caboverdeano. No mesmo caso estão a laranja e a papaya, que muito se empregam e são extremamente agradaveis ao paladar do povo.

Todos estes alimentos são mais ou menos acompanhados do competente copo de aguardente de fabrico local e de grande consumo.

Não se conhece entre o povo o conforto da casa. Esta é em geral construida de pedra e barro. As paredes não são caiadas, a cobertura é de colmo ou de folhas de bananeira; poucas são cobertas de telha ou de madeira e raras as que tenham vidraças nas janellas, as quaes bem como as portas estão sempre abertas durante o dia. Interiormente são isentas de divisões, de sorte que não ha recato algum; quando muito uma esteira de caniço, é divisão, usada.

E' claro que nas casas dos individuos abastados as modificações são sensiveis, embora não se chegue, senão raramente, ao conforto usual das casas europeias.

As casas e as ruas são pouco hygienicas e ha um despreso absoluto pela sanidade publica.

O vestuario dos homens que dispõem de meios, aproximam-se do usado na metropole. Nos dias festivos chegam mesmo a apresentar-se de sobre casaca, calça branca, chapéu de feltro ou de palha, ou bonet. A jaqueta traz-se de ordinario desabotoada sem colete.

O chapéu de palha é de fabrico local e a jaléca é de zuarte azul e as vezes de pano.

Os homens e as mulheres andam ordinariamente descalços, mas calçam-se nos dias festivos para a entrada no templo ou á chegada á villa.

As mulheres vestem camisas de algodão afogadas ou abertas, com ou sem mangas ao punho. Quasi sempre são bordadas ou enfeitadas. Usam saias de chita, que substitue o pano apertado na cintura; sobre os hombros põem um chaile. Antigamente em vez do chaile era o classico pano de *lambú*, geralmente de algodão tinto em anil, de grandes barras e fundo azul escuro ás riscas brancas ou azues mais claras, a que davam o nome de *galan*. Adornam-se com brincoes vulgares ou arrecadas de filigrana e colares de contas no pescoço; na cabeça põem um lenço de cor com barras, de seda azul ou amarela, com as pontas para traz, passando por baixo das outras pontas, que vêm amarrar na frente, ficando cahidas com elegancia e deixando uma parte do cabelo a descoberto.

Quando têm filhos, emquanto os criam, levam-os no *bambúdo*, isto é, ás cavaleiras sobre os rins, apertados e seguros contra o tronco por um pano de algodão tecido, a que chamam pano de *bambúra*, preso á cintura das mães, ficando da creança apenas visivel a cabeça e os pés.

As viúvas trajam de preto ou azul ferrete em tecido de lã ou d'algodão; cobrem a cabeça com um lenço preto, que lhes tapa a testa e as orelhas, ou então embiocam-se n'um pano preto, que apenas lhes deixa ver os olhos. Cortam o cabelo e só ao fim de um ano de viuvez é que tiram o bioco, chamando a isto, *tirar capello*.

Alguns dias antes do designado para o casamento, começam os visinhos e amigos dos noivos a levarinhos de lenha para a casa, onde se deve festejar o acto.

Apresentam-se em ranchos, empunhando ramos e bandeiras, quasi sempre formadas de lenços de cores vivas, e cantando em honra dos nubentes. Na vespera do casamento é que chegam os parentes e os padrinhos trazendo os seus presentes, que consistem em cabras, porcos, galinhas, mandioca, milho, fructos, leite e aguardente é claro. Passam a noite bebendo, comendo, cantando e dançando, sempre com grande animação. Na manhã do dia do recebimento, enfeitam as janelas e portas da casa com ramos de cana sacharina, de café e de laranja, entremeados com bandeiras formadas de lenços de cores berrantes, para animar o tom verde da ramaria.

No quarto nupcial arma-se o leito, enfeitando-o com cortinados de cobertas, ou de lençóis e engrinaldado de festões e arcos com flores, d'onde pendem bonecos, fructos, bolos de milho, ovos, um vidro de leite, mel e aguardente. Ao leito assim enfeitado dão o nome de *lotado*.

A noiva, trajando como dissemos e tem sido vestida por determinadas mulheres peritas no assunto, é ornada com objectos de ouro, que as amigas emprestam com muito prazer e assim é conduzida para a igreja.

O banquete tem logar á noite com grande folia. Debaixo do travesseiro dos noivos, mettem fitas vermelhas e azues e alguns alfinetes. Se a virgindade da noiva está illeza, o que é certo, mas que a moralidade publica exige que se saiba, o noivo para o anunciar, era costume disparar, pela calada da noite, alguns tiros de espingarda.

Sendo assim, no dia seguinte, a madrinha, tirando de baixo do travesseiro as fitas e os alfinetes, faz diversos laços, para distribuir pelas amigas da noiva, pondo-lhos ao peito, com grande contentamento d'estas, por que é signal de que em breve vão ter a consagração do tiro de espingarda, dado pelo seu futuro esposo.

O cortejo, em marcha para a igreja, é acompanhado de tocadores de viola e rebeca enfeitadas com laços de fitas de cores.

O casamento, o baptisado e outras festas, são pretextos para folguedos e danças. Poucos povos haverão tão amigos d'estas folias, como os de Cabo Verde.

Os bailes são festas comuns todas as ilhas.

A orchestra é composta de rabeça e viola, acompanhadas do bater forte do compasso com o pé no chão.

A porta estreita da habitação em que o baile tem lugar, acumula-se o povo, quando não pode já invadir a sala, e então então phrases e bate palmas, em homenagem a este ou aquele par dançante com que mais sympathisa.

E' o que se chama um *batuque*, nome por que as danças com musica indigena são conhecidas na costa da Africa portuguesa.

Para o *batuque*, diz Paula e Brito, nos seus apontamentos para a gramatica do creoulo de S. Thiago, reunem-se um grupo de individuos de ambos os sexos, quer de pé, quer sentados, dispostos em circulo, no centro do qual está o tocador de viola. Os circumstantes, batendo palmas, ou batendo nas pernas os compassos de musica cantam: olé lé, lé, lé, etc. Apoz o que o cantor eigue mais alto a voz e os demais calam-se, mas finda a cantiga, repete-se em côro o que o trovador cantou e assim vae decorrendo o *batuque*, revesando-se os cantadores.

Estes *batuques*, quando a aguardente nativa vae fazendo os seus effeitos, descahem no berreiro infernal. Por vezes então o cantor salta para o meio dos circumstantes, o tocador retira-se para o lado e começa a dança do *torno*, que consiste em dar movimentos lascivos ao corpo com velocidade crescente.

Os cantares nos *batuques* são semelhantes as modinhas portuguesas, o seu merecimento depende da habilidade de trovador e até da sua popularidade: mas ha versos que são mais vulgares e por isso cantados em todos os *batuques*. Alguns são como proverbios, por exemplo:

Têpu nona arnégu pinha
Têpu pinha árnegu nona
olé, lé, etc.

Quer dizer:

No tempo da nona não se faz caso da pinha
No tempo da pinha não se faz caso da nona
olé, etc,

Faltando o pretexto de um baptisado a valer para haver festa, faz-se o baptisado da boneca, em que figuram muitas creanças, mas em que os adultos teem o principal papel.

O baptisado da boneca é um arremedo do verdadeiro baptisado. Para esta festa não faltam os amigos que de longé trazem a alegria, concorrendo ao jantar, seguido de prolongado baile.

As danças prediletas do povo são a *coladeira*, a *taca* e o *landum*. A primeira é licenciosa na forma e um tanto libertina na intenção. A *taca* é uma dança sapateada differindo n'isso do *landum*.

As som da musica apropriada, os pares comecam a mover-se n'um balanceamento languido e morno no começo, mas que vae agitando-se com ardor crescentes. Todo o corpo se move, acompanhando os movimentos das pernas. Tal é o tom geral das danças, que só na coladeira tem movimentos de corpo verdadeiramente licenciosos e por isso não é usado em todas as casas.

Nas classes mais civilisadas dançam-se as *mornas* que são características e originaes de Cabo Verde e que estão sendo imitadas agora na Europa, juntamente com o *tango argentino* tambem em moda.

As *mornas* são por vezes cantadas. A letra d'esta musica é sempre inspirada em certos acontecimectos publicos ou de carater particular. Como as nossas canções ou *modas*, resistem aos tempos, estando sempre em voga as que mais agradaram, outras, porem, que não logram impressionar a imaginação popular, desaparecem em pouco tempo.

A *mornia* é typica e simples, traduz um mixto de sentimentalismo e morbidez. Os passos d'estas danças são faceis e graciosos, não tendo os exageros coreograficos que na Europa lhe teem querido introduzir.

Os caboverdeanos são pacificos, um tanto indolentes, amigos de folgedos como vimos. Julgam-se catholicos por serem baptisados e irem ás festas d'egreja, mas não passam de idolatras, com seus visus de feitiçaria, acreditando por isso em feiteiros e tendo superstições vartas.

Para elles toda a molestia resulta de *maus olhados* de quebranto ou feitiço, a que denominam *rabádo ou*

fétamol. Afim de destruir em á sua ação recorrem aos benzedores e curandeiros.

Depois do parto, por exemplo é costume guardar o recém-nascido para não ser devorado pelos feiticeiros. Chamam a isso, em creoulo, *gardá feiticera*. Durante a noite que já se vê, é tambem de festa, todos ficam de vigília á creancinha por causa dos feiticeiros, que são avidos dos recém-nascidos. Os homens armam-se de paus, espadas e outras armas, para acometerem o feiticeiro. Se durante a velada sentem qualquer ruido, tratam logo de: *scónjurá feiticero pa cá bén comé minino*.

Para mostrarmos o grau de superstição, basta dizer que na ilha do Fogo, toda a doença que não cêda á força medicatriz da natureza, ou ás panactas indigenas, provém de *malificios, feiticaria ou mau olhado*.

A fertil imaginação dos curandeiros não vae alem da seguinte classificação nosologica: *doenças do fogo, flato, hemorroidas e catharros*. Para curarem as primeiras usam a sangria na ocasião de preamear, porque vindo a vasante o sangue corre com facilidade, depois tomam semicupios de agua fria e o mal está debelado.

No caso da doença ser capitulada de *flato*, é preciso comer mandioca, temperada com manteiga de vacca, ovos passados por agua e frangão cosido.

O hemorroidal é tratado com semicupios de agua morna em que deitam malva e fedegoso. O catharro cura-se com purgantes de batata indigena (jalapa) e sênne.

Não nos devemos admirar de que os indigenas de Cabo Verde constituissem uma terapeutica sua, porque isso resultou da necessidade que tinham de combaterem os seus males, isolados como estavam de profissionais, que soubessem a arte de curar.

Não obstante essa terapeutica e apesar da longevidade dos habitantes, por vezes notavel, em algumas ilhas de Cabo Verde, é certo que lá se morre como em toda a parte e não é menos curiosa, de que a do casamento. a cerimonia de enterro.

N'ella se reflectem costumes do nosso povo, o que não admira.

Quando morre algum individuo, é costume antigo irem os amigos, parentes e visinhos para casa do morto como carpideiras, fazendo o que chamam *guisa*.

Imaginem-se 20 ou 30 pessoas encorporando-se no prestíto funebre e acompanhando dois homens, transportando aos hombros um cadaver amarrado a dois toscos paus, levando em frente o grupo das carpideiras gritando fortemente e fazendo trejeitos varios. Atraz do corpo seguem os homens, taciturnos e calados.

Pelo estrondear da *guisa* se pode apreciar o grau de riqueza do morto ou da sua familia, que fica em carpieres durante oito ou mais dias. E' este o tempo do nojo a que chamam *esteira*. O cadaver é depositado em uma sala, onde todos os parentes e amigos do morto o rodeiam, gritando e girando-lhe em volta, ao mesmo tempo que lhe elogiam as qualidades e lhe mandam saudades.

Emquanto dura a *esteira*, choram as horas determinadas, comem e bebem grandemente, em harmonia com as posses da familia e sua categoria.

Os dialéctos dos negros da Guiné, os vocabulos estropados da lingua portuguesa e mesmo da franceza e da inglesa, constituem a linguagem chamada o *creoulo* de Cabo Verde.

Esta linguagem modifica-se de ilha, para ilha, mas é principalmente nos dois grupos insulares, barlavento e sotavento, que a divergencia mais se faz notar, embora haja muitissimos pontos de contacto.

Uma das características d'essa divergencia consiste nos termos *nhô* e *bocê*, o primeiro dos quaes nas ilhas de sotavento e o segundo nas de barlavento, traduzem todos os tratamentos superiores ao da segunda pessoa do singular que, em ambos os grupos, se exprime por *bô*. Mas a forma de tratamento *bocê* não indica apenas a formula cerimoniaosa, significa tambem em algumas das ilhas o pronome possessivo da terceira pessoa do singular, o que por varias vezes tem sido interpretado pe-los que não conhecem bem o creoulo, nem esta particularidade, por uma forma offensiva, como na frase *bocê burro, bocê cavallo*, isto é, o seu burro; o seu cavallo.

O *creoulo* pronuncia-se velozmente com terminações guturales e os *Nhôs* (homens) e as *Nhânhas* ou *Nharras* (senhoras) falam-o sempre entre si, mesmo que saibam o portuguez puro, *limpo*, como lá disem. São sobretudo as senhoras que mais falam o *creoulo*.

Segundo refere Lopes de Lima, para se falar o

creoulo, suprimem-se os *rr* finais ao infinito dos verbos precedido dos pronomes *a mim* (eu), ou *bo* (tu ou vós), ou *ere* (elle) e dos signaes *ta* para indicar o presente e *jam* para o preterito. Por exemplo:

Eu chamo==*A mim ta chemá.*

Eu posso==*A mim ta podê*

Tu cantaste==*A bo jam cantá.*

Eu não quero==*A mim ca querê.*

Ca, significa, não
Fla. » diser
Papiá » falar
Cheo » muito

Assim, podemos formar a frase:

Nhõ ta flã de mantenhãs cheo pra Nhãha==O Senhor manda muitos cumprimentos á Senhora; pois que *Flã de mantenhãs* significa mandar cumprimentos.

Com estes exemplos não pretendemos mais do que dar um pallido reflexo do que, n'esta parte, seja a dialectologia portugesa colonial, cujo estudo se pode fazer sobre os trabalhos dos illustres philologos Srs. Adolfo Coelho, Leite de Vasconcellos, Hugo Schuchardt e outros que pelos seus escritos tẽem contribuido para o melhor conhecimento dos creoulos portugueses.

Administração — Desde 1892 que a provincia de Cabo Verde se rege por um diploma especial, distinto do decreto organico das provincias ultramaridas de 1 de dezembro de 1869, com que Rebello da Silva dotou a nossa administração colonial, o que ainda consideramos um diploma completo e de subida honra para aquelle notavel estadista colonial.

Os preceitos do decreto de 1892 resumem-se de um modo geral como passamos a indicar, uma vez que as novas «Leis Organicas das Provincias Ultramarinas,» aprovadas pelo congresso, em 1914, ainda não estão em execução, por as provincias não terem elaborado os respectivos regulamentos essenciaes para poderem entrar em pleno vigor.

O archipelago de Cabo Verde constitue uma provin-

cia ultramarina, com um só distrito administrativo. A sua gerencia é confiada a uma autoridade superior, que toma o nome de governador de provincia, com honras de general de divisão.

Divide-se administrativamente em sete concelhos de primeira classe e em dois de segunda. Os concelhos dividem-se em parochias.

A divisão por concelhos e freguesias consta do seguinte quadro:

Divisão administrativa

Ilhas	Sedes	Freguezias
Santo António	V.ª Maria Pia	N.ª S.ª do Rosario. Crucifixo. S. Pedro Apostolo. St.º Antonio das Pombas. S. João Baptista.
S. Vicente	Mindello	N.ª S.ª do Rosario.
S. Nicolau	Ribeira Brava	N.ª S.ª do Rosario. N.ª S.ª da Lapa.
S. Thiago (parte sul) e Maio—Concelho da Praia	Praia	N.ª S.ª da Luz. N.ª S.ª da Graça. S. Nicolau Tolentino. S. Thiago Maior. S. Lourenço dos Orgãos. S. Salvador do Mundo. S. João Baptista. Santissimo Nome de Jesus N.ª S.ª da Luz (Ilha do Mato).
S. Thiago (parte norte)—Conc. de St.ª Cath.ª	Mangue do Tarrafal	St.ª Catharina. S. Miguel. St.º Amaro Abbadé.
Fogo	S. Filippe	N.ª S.ª da Conceição. S. Lourenço. N.ª S.ª da Ajuda. St.ª Catharina.
Brava	Povoação	S. João Baptista. N.ª S.ª do Monte.
Sal	St.ª Maria	N.ª S.ª das Dôres.
Boa Vista	Sal-Rei	St.ª Izabel. S. João Baptista.

Concelhos de 1.ª classe

Concelhos de 2.ª classe

Em cada um dos concelhos, quem em geral toma o nome da ilha a que pertence, ha um administrador effetivo e outro substituto os quaes são nomeados, em portaria pelo governador, a quem ficam immediatamente subordinados. Nos concelhos funcionam camaras municipales de cinco vereadores para os de primeira classe e de tres para os de segunda, que pelos seus presidentes se correspondem com o governador, por intermedio do administrador de concelho.

Nas freguezias constituem-se juntas de parochia, compostas de cinco vogaes, quando a freguezia tiver mais de 1.000 habitantes, e de tres nas de menor numero de habitantes. O parochio é o presidente da junta, os outros vogaes são de eleição.

As eleições, tanto para vereadores municipales como para vogaes da junta parochial, são feitas no ultimo ano do triennio do exercicio e têm logar no mez de novembro.

Em cada parochia ha um regedor nomeado pelo governador, sob proposta do administrador do concelho.

Junto do governador ha um conselho de governo e um conselho de provincia. Do primeiro fazem parte o governador, presidente; o bispo da diocese ou na sua ausencia a autoridade superior eclesiastica da capital; o secretario geral do governo; o juiz de direito da comarca de sotavento; o chefe do serviço de saude; o delegado do ministerio publico; o inspector de fazenda e o official do exercito da maior patente em serviço na Praia; o director das obras publicas; o presidente da camara municipal e dois dos quarenta maiores contribuintes do concelho da Praia.

Do conselho de provincia é presidente o secretario geral, e vogaes, dois representantes, escolhidos em lista triptice, sendo um pela camara da Praia e outro pela camara de S. Vicente. Serve de ministerio publico o delegado da comarca de sotavento e de secretario, sem voto, um empregado da secretaria do governo.

Fazenda — Para a execução do serviço de fazenda existe uma repartição superior de fazenda, cuja direção compete a um inspector de 2.ª classe dependente da Direção Geral de Fazenda das Colonias, que funciona no

Ministerio das Colonias, onde estão, centralizados os respectivos serviços.

A repartição superior de fazenda provincial incumbem a fiscalização das despesas e a distribuição, lançamento e cobrança das receitas, organisando e documentando as contas geraes da provincia, para subirem á revisão da direcção geral e apreciação do Conselho Superior da A. F. do Estado em conformidade com o decreto de 14 de setembro de 1900 e respectivo regulamento de 3 de outubro de 1901, por onde se rege o serviço de fazenda do ultramar.

A repartição superior de fazenda de Cabo Verde tem a sua sede na cidade da Praia e n'ella existe anexo o cofre central, de que são clavicularios, o governador da provincia, o inspector de fazenda e o thesoureiro geral. Esta disposição regulamentar, é comum a todas as repartições de fazenda das colonias.

Justiça — Para os effeitos da administração da justiça estava a provincia dividida em duas comarcas, correspondentes aos dois grupos insulares, barlavento e sotavento, mas o desenvolvimento da população da cidade de Mindello obrigou o legislador, por decreto de 4 de junho de 1901, a dividir a comarca de barlavento em duas; uma a de St. Antão com a sede em Maria Pia, abrangendo toda a ilha e a outra tendo por sede o Mindello e compreendendo a ilha de S. Vicente e as de S. Nicolau, Boa Vista e Sal.

A comarca de sotavento subsiste, com a sede na cidade da Praia e jurisdição sobre S. Thiago e as demais ilhas de sotavento.

Os tribunais de 1.ª instancia de Cabo Verde, são subordinados á Relação de Lisboa para onde recorrem.

Divisão eclesiastica — A instituição do bispado de Cabo Verde vem de longa data, como se deve ter visto na parte historica, é por isso ainda hoje uma diocese da provincia eclesiastica Lisbonense. A sede do bispado é na villa da Ribeira Brava, na ilha de S. Nicolau, onde existe o seminario.

Exercito — Os serviços militares, comquanto careçam de uma immediata e completa revisão, ainda obedecem á lei de 1895, em virtude da qual o governador, como comandante superior de todas forças militares da

provincia, reúne as attribuições e a competencia dos generaes, comandantes das divisões militares territoriaes do exercito da metropole e tem junto de si um quartel geral, com a seguinte composição: Chefe do estado Maior; secretaria militar; conselho de guerra permanente; chefe do serviço de saude, e, actualmente, pela lei de 10 de julho de 1912, deve entender-se que lhe está adjunto o chefe do serviço da marinha colonial.

A secretaria militar tem duas repartições e um archivo geral. A 1.ª repartição divide-se em duas secções; a 1.ª das quaes trata de tudo que respeita ao pessoal da guarnição, assumptos de justiça, requisições de material de guerra, ordem á força armada, e escripturação dos registos e correspondencia. A 2.ª secção trata de tudo que interesse ás operações militares, levantamento de plantas, reconhecimentos e estatistica. Não ha, porém, pessoal privativo para cada uma das secções. A 2.ª repartição trata da contabilidade, administração da fazenda militar e respectiva escripturação.

A guarnição militar da provincia, em conformidade com o decreto de 14 de novembro de 1901, compõe-se de 1 companhia indigena de artilheria de guarnição; 1 companhia europea de infantaria; 1 corpo de policia militar; 1 banda de musica formada por indigenas.

A artilheria, comandada por officiaes e sargentos europeus, tem um effectivo minimo de 65 praças, de que fazem parte 1 capitão comandante, 2 subalternos, 1 primeiro sargento 2 segundos, todos da arma de artilheria.

O effectivo minimo da companhia de infantaria é de 82 praças, das quaes 4 são sargentos e 3 officiaes.

O corpo de policia, destinado á guarnição da cidade da Praia, tem o effectivo minimo de 77 praças; é commandado por 1 capitão de infantaria ou do quadro do ultramar, havendo dois subalternos e 4 sargentos. Na cidade de Mindello o corpo de policia civil tem 1 commissario, que é o administrador de concelho, 1 comandante do corpo 1 escrivão e 58 praças.

O total da guarnição de Cabo Verde, no seu effectivo minimo é pois de 282 praças.

Alem da policia civica organisou-se, em obediencia ao determinado pelo decreto de 6 de agosto de 1904, a policia rural da ilha de S. Thiago, que se compõe de

um pelotão de policia a cavallo com 1 comandante e 34 praças de pret, distribuidas pelas circumscrições de policia rural em que a ilha se dividiu.

Obras publicas — O quadro do serviço das obras publicas compõe-se de um engenheiro director, dois conductores de 1.ª classe e tres de 2.ª aos quaes compete o desempenho dos serviços respectivos, taes como os de estradas, pontes, construções civis do Estado, drenagem e disseccamento de pantanos, abastecimento d'aguas, hydroaulica, construção de faroes e de caes d'embarque e desembarque, etc.

Por decreto de 23 de outubro de 1913 tomaram-se algumas providencias, tendentes a melhorar a agricultura e a pecuaria no archipelago, para o que se mandou proceder ao estudo dos terrenos baldios, determinando-se-lhes as applicações, vedando-os com redes ou arame farpado, ou por meio de plantas do genero agave ou Furcraia, sobretudo quando pertençam ao Estado, medida util pelos resultados industriaes, que se podem retirar da fibra dessas plantas.

Os terrenos do Estado são reservados para viveiros de plantas, prados e para a arboricultura.

Mais uma vez resurge, por este diploma, a **Junta de Melhoramentos da Agricultura**, com sede na Praia e delegação nos concelhos do archipelago, tendo por fim promover, por todos os meios, o desenvolvimento da agricultura e da arborisação. Esta junta está em intima ligação com a repartição existente de Agricultura e Arborisação.

Oxalá esta junta, como as suas antigas predecessoras, possa seguir desassombadamente na sua missão, que bem necessaria é.

A Repartição de Agricultura e Arborisação, para a promoção e effctivação dos serviços inherentes, é dirigida por um engenheiro silvicultor ou engenheiro agronomo e tem dois agricultorês diplomados, um preparador e o respectivo pessoal d'escriuração. Para os serviços pecuarios ha um veterinario e o pessoal necessario.

Alfandegas — Com o prurido de reformas, que tanto caracterisa a administração portuguesa, foi posto de parte o decreto de 28 de junho de 1902 e reorganizado o serviço aduaneiro da provincia de Cabo Verde por de-

creto de 28 de junho de 1909, que manteve o circulo aduaneiro da provincia, comprehendendo as alfandegas do Mindello e da Praia e as delegações da Ponta do Sol, Preguiça, St.ª Maria e Sal-Rei pertencentes á alfandega do Mindello, e as de Tarrafal (Mangue), Porto Inglez, S. Filipe, Furna, pertencentes á alfandega da Praia e os postos de despacho do Paúl, Ribeira da Barca, Pedra Badejo e Fajan d'Agua.

Instrução Publica — Alem das escolas primarias es-palhadas pelas diversas povoações do archipelago, existe na ilha de S. Nicolau o seminario, que se trata de converter em um lyceu ou melhor será n'uma escola d'artes e officios.

O nosso presado amigo Dr. Moreira Junior, quando tão notavelmente gerio a pasta da Marinha e Ultramar, creou, pelo decreto de 18 de janeiro de 1906, o ensino profissional nas nossas colonias, dispondo para as ilhas de Cabo Verde as escolas de aprendizagem destinadas a habilitar, praticamente, profissionaes da arte maritima e da pesca; operarios carpinteiros, pedreiros, canteiros, serralheiros, ferreiros, calafates, fundidores, etc. e ainda officiaes de sapateiro, alfaiate, etc.

O inspector das escolas é o secretario geral do governo, que tem 60 dias por ano para inspecionar as escolas do archipelago.

Em cada freguesia das ilhas existe de ordinario uma escola primaria, para um ou ambos os sexos.

Das escolas praticas de aprendizagem, a que nos acabamos de referir, é director o das obras publicas e da escola de pilotagem é como vimos o delegado maritimo ou o capitão dos portos, quando funciona em S. Vicente.

Para o ensino profissional de operarios de construção ha 2 mestres para um quadro de 16 aprendizes, sendo 8 de cada especialidade.

Para o ensino de artifices serralheiros ferreiros, existe 1 mestre e 6 aprendizes.

A primeira escola que funcionou foi a elemental de pilotagem, regida pelo official da armada, exercendo as funções de delegado maritimo na Praia. Este ensino está hoje na capitania dos portos na cidade do Mindelo. O professor de pilotagem deve tambem reger um curso pratico sobre pesca e salga ou seccagem de peixe.

Serviços marítimos — Os serviços de marinha estão a cargo da capitania dos portos de Cabo Verde e regem-se pelo decreto de 24 de novembro de 1905 com as modificações da lei de 10 de julho de 1912. O capitão dos portos é o chefe dos serviços de marinha do archipelago, tendo na Praia um official de marinha como seu immediato delegado, visto que a séde da capitania é em Mindelo. Em todos os portos principaes das ilhas ha os partrões mórés e nos outros simples cabos de mar, que são os representantes da autoridade marítima,

Da capitania dos portos de Cabo Verde dependem: os navios da marinha colonial, desde que os haja, os observatorios meteorologicos, os faroes, as pescas, os semaforos, os levantamentos hydrograficos e as oficinas navaes.

Serviço de saude — Para execução dos serviços de saude e hygiene das povoações, existe a administração de saude e o corpo medico, dirigido por o chefe de serviço de saude tenente coronel medico, e mais um major medico sub-chefe, que destaca para a Guiné, 8 capitães medicos e 5 tenentes. Além disto ha a companhia de saude, comandada por um capitão, tendo por subalterno i alferes com 46 praças.

Ha dois hospitaes civis e militares: um na Praia e outro no Mindello, com os respectivos laboratorios.

Em 1914, como satisfação á justa ambição dos colonias portugueses, tantas vezes enunciada, desde o Congresso Colonial Nacional, até ao patriotico estudo dos *Problemas Coloniaes*, pela Sociedade de Geografia de Lisboa, aprovou o Congresso as propostas do sr. Lisboa de Lima, para as novas leis organicas da administração civil e financeira das colonias portuguesas, que, pelos dois diplomas, ficam constituindo organismos administrativos e financeiros autonomos, sob a superintendencia e fiscalização dos poderes da metropole, em conformidade com as bases annexas ás duas leis reguladoras de taes serviços.

Cada Colonia, no praso de um ano, enviará ao governo da metropole a carta organica, elaborada segundo as bases da respectiva lei, para ser publicada, ouvido o conselho colonial.

Felizmente a nova lei não alterou a divisão provincial do territorio ultramarino; mantem para Cabo Verde

a categoria de governador de provincia, com as honras de general comandante de divisão e de vice-almirante comandante em chefe. E' o representante da soberania nacional e o chefe do Poder executivo e tem as atribuições que a lei lhe marca, com audiencia do Conselho de Governo de que é presidente. Este conselho tem, alem de competencia consultiva, funções deliberativas, segundo os casos, sobre a administração da colonia.

Em relação a Cabo Verde, a divisão territorial não tem de ser modificada, dado o grau de relativa civilização dos naturaes, devendo portanto conservar-se a divisão por concelhos, os quaes podem repartir-se em bairros, freguesias ou localidades organisadas administrativamente.

Continua a haver as camaras, as comissões municipais e juntas Locaes, que podem ser de eleição ou nomeação.

O governador não pode, nem mesmo com o voto do conselho do governo, alterar as leis organicas da colonia, nem estatuir contra os direitos civis e politicos dos cidadãos; modificar os limites da colonia, alienar a propriedade ou o uso de alguma parte do seu territorio em favor do estrangeiro, declarar a guerra ou concluir a paz; fazer concessões com direitos de soberania; modificar, protelar ou desatender as decisões dos tribunaes civis, militares, e administrativos; alterar a organização do Poder judicial; suspender juizes de exercicio ou de vencimento; perdoar, minorar ou comutar penas e conceder amnistias, excepto aos indigenas segundo o respectivos codigos.

Todos os demais actos de governo, com audiencia ou deliberação do conselho de governo, o governador pode promulgar, tendo por isso uma larga força autonómica para desassombradamente gerir a colonia. Oxalá, para taes cargos se escolham as verdadeiras competencias e que nas colonias se encontrem tambem competencias para formarem os conselhos de governo. São esses os nossos melhores desejos e esperanças.

BIBLIOGRAPHIA

Nomes ou titulos de algumas obras consagradas especialmente ás ilhas de Cabo Verde ou em que haja largas referencias a este archipelago.

- Primo volume delle navigationi et viaggi Racolto gia da Gio. Battista Ramusio, etc. Venetia, 1550.
- Memoires pour servir a l'histoire des Indes Orientales, contenant une description des illes du Cap Vert par un membre de la Compagnie des Indes. Paris, 1702.
- F. Ant.º Cordeiro, História insulana das ilhas a Portugal sujeitas no oceano Occidental. In-fol. Lisboa, 1717.
- A Voyage to and from the Island of Borneo, ... also a description of the islands of Canary, Cap Vert, Java, Madeira... by Capt Daniel Beeckmann. London, 1718.
- J. da Silva Feijó. Ensaio economico sobre as ilhas de Cabo Verde, em 1797. Inserto na coleção intitulada: Memorias economicas, etc. Tom. V.
- J. A. Pussich (ant. governador das ilhas de C. Verde) Memoria escrita em 1822 e reimpressa em 1837.
- O Panorama. V. Tomos III, IV e VIII. Lisboa 1837 a 1844.
- Chorographia Cabo Verdiana, por J. Carlos de Chelmich e F. A. Warnhagen, 2 vols. Lisboa, 1841- 1843.
- Cape Verd, the Cape Verd islands by a voyager. Colonial Magazine. Fasciculo de setembro, 1844.
- Lopes de Lima. Ensaio sobre a estatistica das Possessões Portuguesas. Livro 1.º Lisboa, 1844.
- O Mac. Carthy--Artigo do fasciculo 32 e 33 do «Univers Pittoresque. 1848.
- Beiträge zur Flora der Cap Verdishen Inseln, por J. A. Schmidt—Heidelberg' 1852.
- Relatorio sobre o vulcão da Ilha do Fogo, por Feilx de

- Brito Capello — Boletim Official da Provincia de Cabo Verde 1856 paginas 951.
- Systema Caboverdeano, por Freitas e Costa — Lisboa, 1890.
- Madeira, Cabo Verde e Guiné, por João Augusto Martins — Lisboa 1891.
- Roteiro do Archipelago de Cabo Verde, por Christiano José de Senna Barcellos — Lisboa 1892.
- Estudos sobre as Provincias Ultramarinas, por João de Andrade Corvo — 3 volumes — Lisboa.
- Geographie Universelle, par Elizeé Reclus. Tom. XII.
- Fundeadouros da canhoneira *Mandovy* nos principaes pontos de Cabo Verde, por Abel Fontoura da Costa — Lisboa 1902.
- As Colonias Portuguesas, por Ernesto J. de C. e Vasconcellos, 2.ª edição — Lisboa, 1903.
- Considerações sobre a Provincia de Cabo Verde, por Antonio Alfredo Barjona de Freitas — Lisboa 1905.
- Noticia da Flora das Ilhas de Cabo Verde-I-Fogo e Brava, por Alfredo da Costa e Andrade — Praia, 1908.
- Subsídios para a Historia de Cabo Verde e Guiné, por Christiano J. de Senna Barcellos, 5 volumes Publicados pela Academia das Sciencias — Lisboa, 1899 a 1911.
- Subsídios para o conhecimento das Ilhas de Cabo Verde por Inmanuel Friedlaender. Trad. portuguesa de Garcia Guerreiro — Lisboa, 1914.
- Herbarii Gorgonei Universitatis Olisiponensis Catalogus, por Antonio Xavier Pereira Coutinho — Vol. I — Lisboa, 1914.
- La Main d'Oeuvre aux Iles de Cabo Verde, por Francisco de Paula Cid — Lisboa, 1914.
- Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa — Vidé as cinco primeiras series.
- Revista Portuguesa Colonial e Maritima — Lisboa, Livraria Ferin — Vidé os seus 9 volumes.
- Diogo Gomes — As relações do descobrimento da Guiné e das ilhas dos Açores, Madeira e Cabo Verde, versão do latim por Gabriel Pereira V. Boletim da S. G. L. serie 17.ª n.º 5.
- Dialectos Creoulos Portugueses de Africa, por J. Leite de Vasconcellos. Separata do Rev. Lusit. vol. V fasc. 4.
- Chronicas de Valenlim Fernandes, na Revista Portuguesa Colonial Maritima vol. 6.º, 1899-1900.
- Balthazar Osorio — Memorias do Museu Baccage — II Peixes colhidos nas visinhanças do archipelago de Cabo Verde — Lisboa, 1911.

- Dr. Cornelius Doelter — Die Vulcane der Capverden Inseln und ihre Producte. Graz, 1882
- Dr. Walter Bergt — Cartografia Contemporanea das ilhas de Cabo Verde, trad portuguesa — original publicado em Leipzig.
- Estatistica Geral da Provincia de Cabo Verde — Ano de 1913 e anteriores. Publicação do governo provincial — Praia 1914.